



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM TEATRO

MARCOS VINICIUS SALES DA SILVA

**REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A PRESENÇA DO ARTISTA
TRANS NA CENA TEATRAL**

MACAPÁ
NOVEMBRO DE 2018

MARCOS VINICIUS SALES DA SILVA

**REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A PRESENÇA DO ARTISTA
TRANS NA CENA TEATRAL**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de monografia apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Teatro.

Orientador: Prof Me. Emerson de Paula Silva

Linha de Pesquisa: História das Artes do Espetáculo

MACAPÁ

NOVEMBRO DE 2018

Em memória de todos os corpos que já (Trans)cenderam em grande maioria de forma bruta mas que deixaram um caminho trilhado na Vida e na Arte.

AGRADECIMENTOS

Concluir essa graduação foi resultado de muito esforço, dedicação e paciência durante todo esse trajeto. Fui parte da segunda turma do curso de Licenciatura em Teatro da Amapá (UNIFAP), onde encontrei muitos questionamentos e reflexões no fazer artístico nos primeiros momentos. Mas a certeza de continuar fazendo o que eu gosto fez seguir em frente e ter muitas experiências graças ao curso e oportunidades vividas nele. Nessa trajetória de ida e vinda tiveram pessoas muito importantes que impulsionaram no crescimento e no conhecimento artístico.

Agradeço ao meu orientador Emerson de Paula, que lutou junto a todas as dificuldades encontradas e que por momentos foi pai, foi colo, foi amigo e segurança nesse percurso e na elaboração dessa pesquisa, servindo de inspiração a sua trajetória.

Ao colegiado de Teatro, que se faz presente na fomentação de Artistas capacitados no Estado e promovendo cultura na cidade, principalmente no campus com seus projetos de extensão, atingindo o público fora dos muros da academia, pondo em pauta que a cultura é um direito e dever nosso.

À minha mãe Rosenilda Silva Sales, que me apoiou e incentivou durante essa graduação fazendo sentir segurança e conforto, mostrando os frutos colhidos durante minha trajetória pessoal.

Aos meus avós Francisco dos Santos Sales e Maria de Nazaré Sales, que já não se encontram nesse plano mas que sempre me incentivaram aos estudos e que através deles pude ver o poder da educação, fazendo lembrar quanto devo continuar trilhando esse caminho repassando todo esse conhecimento adquirido.

Às Professoras Adélia Carvalho e Lara Utzig por terem aceitado serem banca deste trabalho apresentando importantes contribuições neste processo.

Aos meus amigxs Kai e Maria Luiza, por terem contribuído a esta pesquisa fazendo-a caminhar e deixando-a como referência para outros acadêmicos dando voz a esse discurso tão importante e retratando um pouco de suas vivências diárias.

A todos os Artistas LGBTQ+ que adentram os palcos do Brasil a fora através de muita garra mesmo com todas as dificuldades encontradas diariamente. Fazem daquele palco sua ferramenta de trabalho e de luta por igualdade.

A todxs Trans que lutam diariamente por igualdade, que enfrentam o preconceito e a transfobia nas ruas e esquinas do Brasil, que possamos apreender a lutar com elxs e juntos sermos resistência.

RESUMO

Esta pesquisa pretendeu analisar de forma teórica a presença do(a) Artista Trans na historiografia do Teatro brasileiro e a sua contribuição desses artistas para a Cena Teatral tendo como base de referência diferentes décadas. Em caráter de reflexões iniciais, uma vez que o tema ainda carece de referência bibliográfica e pesquisa sistemática, analisamos a influência do trabalho desses/dessas Artistas na Cena Teatral e a contribuição deles/delas para com a sociedade. Pretendeu-se ainda apresentar a cena Trans Teatral de Macapá, como forma de dar voz a esses/essas Artistas. O trabalho teve caráter monográfico mas a metodologia de pesquisa baseou-se em, a partir da análise de um experimento cênico realizado pelo pesquisador, desdobrar o contexto histórico que envolve a temática em questão.

Palavras chave: Artista Trans, Teatro Brasileiro, Identidade de gênero.

ABSTRACT

This research intended to analyze in a theoretical way the presence of the Trans Artist in the historiography of the Brazilian Theater and the contribution of these artists to the theatrical scene based on artists from different decades. As initial reflections, since the theme lacks bibliography, we analyzed the influence of the work of these artists on the theatrical scene and their contribution to society. It was also intended to present the Trans theatrical scene of Macapá, as a way of giving voice to these artists. The work was monographic, but the research methodology was based on the analysis of a scenic experiment carried out by the researcher, unfolding the historical context that involves the theme in question.

Key-words: Artist Trans, Brazilian Theater, Gender identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1. (Relatos)	12
Foto 2. (Relatos)	12
Foto 3. (Relatos)	13
Foto 4. (Lin da Quebrada)	21
Foto 5. (Jorge Lfaond)	21
Foto 6. (Laerte Coutinho)	22
Foto 7. (Valentina Sampaio)	22
Foto 8. (Eric Paes Barreto)	23
Foto 9. (Roberta Close)	23
Foto 10. (Nany People)	24
Foto 11. (Liniker)	24
Foto 12. (Thamy Miranda)	24
Foto 13. (Laura de Vision)	25
Foto 14. (Isabelita dos Patins)	25
Foto 15. (João Francisco dos Santos)	26
Foto 16. (Dzi Croquttes)	30
Foto 17. (Teatro Vivencial)	31
Foto 18. (Rogéria)	32
Foto 19. (Silvero Pereira)	32
Foto 20. (Wallace Ruy)	33
Foto 21. (Renata Carvalho)	34
Foto 22. (Claudia Wonder)	35
Foto 23. (Thelma Lipp)	35
Foto 24. (Kai).....	37
Foto 25. (Maria Luiza)	38

SUMÁRIO

1.TRAJETÓRIAS DA PELE	10
2.TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO LGBT+	16
3.TRANS – TRAJETÓRIAS.....	20
4.TRAJETÓRIAS TRANS – FORMADORAS.....	28
5.TRAJETÓRIAS EM (TRANS) FORMAÇÃO	37
6.CONSIDERAÇÕES EM TRÂNSITO	44
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

1. TRAJETORIAS DA PELE

Ao pensar na construção desta pesquisa reflito sobre os percursos pessoais anteriores a este momento e de que forma todas as minhas vivências dialogam com o ponto a ser aqui refletido e desenvolvido neste processo.

O primeiro contato com o Teatro foi no Ensino Fundamental com a professora Adriane Corrêa, na Escola Estadual Irmã Santina Rioli (Macapá-AP), onde os primeiros passos foram dados em direção ao Fazer Teatral. No meio dessa trajetória surgiu a Dança, que me fascinou e foi onde subi aos palcos pela primeira vez junto à companhia “Anete Peixoto” participando de eventos e espetáculos, tendo como exemplo “O Lago dos Cisnes”. O fato de ter entrado no cenário da Dança trouxe comentários sobre a questão do meu gênero não ser adequado, visto que consideram esse ambiente dedicado socialmente às meninas.

A família me apoiou nas empreitadas pois era o único membro no meio artístico e que via a Dança não apenas como uma atividade complementar diária ou até mesmo um hobby. Diante desse momento, após o Ensino Médio, ingressei na segunda turma do curso Licenciatura em Teatro na (Universidade Federal do Amapá-AP) UNIFAP, um curso ainda muito novo e com uma estrutura básica além de um corpo docente que ainda estava se constituindo. A academia, então, passou a ser vista como um laboratório, um lugar de pôr em prática experimentos e colher conhecimento, buscando sempre aprofundar nas informações relacionadas ao Fazer Teatral.

Durante essa caminhada no Ensino Superior muitas pesquisas passaram a ser produzidas, como por exemplo, o trabalho “Bardos”, “Nervura” e a performance “Deixe seu *bullying* aqui”. Esses trabalhos tiveram como foco o corpo em cena partindo da descoberta da minha própria expressividade. A participação em todos os trabalhos foi de grande contribuição para meu desenvolvimento acadêmico/artístico na criação de outros trabalhos. Em conjunto com outros acadêmicos da própria turma recebi o convite para participar do grupo “Casa Circo” (grupo de circo-teatro formado por acadêmicos da UNIFAP), onde produzimos nosso primeiro espetáculo “A mulher do fim do mundo”, o qual nos possibilitou participar do segundo Festival de Teatro do Amapá chamado “Cenas Curtas”. Ganhamos o Festival e fomos aprovados em dois editais do Sesc Amapá: “Vamos Comer Teatro” e o “Amazônia

das Artes”, onde viajamos por 10 Estados do Norte e Nordeste do Brasil.

O processo cênico “A mulher do fim do mundo”, a partir da presença de um corpo negro e feminino em cena, traz reflexões iniciais acerca de que um corpo independente de gênero é um corpo, possui importância e nos reverbera questões sociais nos fazendo pensar o quanto os corpos são flagelados diante de uma sociedade misógina. O processo veio para nos aprofundar nos estudos sobre direitos políticos e direitos sociais. O espetáculo, através da expressão corporal, aborda um leque de temas com relação à mulher, preconceito e machismo, mostrando a partir de um corpo feminino e negro, marcas, que também podem ser presentes nos corpos masculinos, héteros ou LGBTQ+. O espetáculo “A mulher do fim mundo” foi de grande importância para o desenvolvimento do processo cênico criado por mim na disciplina de Direção Teatral intitulado “Relatos” que foi concebido a partir de vivências e relatos de vários tipos de opressão que a comunidade LGBTQ+ e mulheres sofrem diariamente levantando discussões políticas e sociais tendo como atriz a discente do Curso de Teatro da UNIFAP, Maria Luiza, aluna trans.

Durante o processo de criação, a maior reflexão foi em como pôr minhas ideias em prática. Durante a construção da cena de Direção Teatral foi o momento que fui a fundo às pesquisas na temática LGBTQ+ e onde me deparei com muitos relatos de abusos sexuais, morais e psicológicos, sejam eles de uma relação homoafetiva ou heterossexual. Escolhi um dos relatos encontrados durante a pesquisa para usar enquanto ponto de partida e passei a construir cenicamente a partir dele.

Ao longo do processo a cena se direcionava a vários lugares dentre eles a fala das minorias. E foi quando partiu da atriz, Maria Luiza, a contribuição do seu relato pessoal. Trabalhar com uma atriz trans foi bem delicado, pois, a atriz por si só, já traz uma trajetória de muitos atravessamentos durante sua caminhada e adentrar nesse espaço requer muito cuidado. Aos poucos foi criado um vínculo de confiança onde tivemos muitas trocas e aprendizados juntos, ocorrendo durante todo o processo e fora dele, aprofundando no entendimento da realidade trans. O progresso desta caminhada veio para me provocar seja enquanto artista, acadêmico e enquanto parte da sociedade. Mudando a visão no decorrer da pesquisa, entendendo o trabalho e se empoderando da questão, com o recolher de relatos, vemos a importância da pesquisa e a oportunidade de juntos promovermos a

inserção social através do Teatro, o que pode ser conferido junto ao relato da própria atriz protagonista do espetáculo.

Meu nome é Maria Luiza Brito, tenho 20 anos e sou uma mulher transexual negra, curso teatro na UNIFAP. O convite para participar da cena foi para participar em parceria com outra atriz, mas com contratempos o Diretor (Marcos) me perguntou se eu topava fazer essa cena sozinha e nós dois construiríamos juntos essa cena e eu de cara aceitei tamanha responsabilidade. A cena tratava-se sobre violência contra a mulher, abuso e durante os ensaios construimos uma cena genuína sobre disforia de gênero em que eu retratava um momento difícil durante uma dessas crises e o resultado foi mais do que eu esperava, eu e Marcos não medimos esforços para fazer algo lindo e o resultado foi maravilhoso, ao decorrer dos ensaios e construção da cena eu tive uma experiência única, um trabalho vasto de expressão corporal, sentimental, um momento que eu obtive um autoconhecimento e uma ajuda espetacular e eu sou muito grata por isso, muito grata por ter um diretor que confiou em mim e principalmente a vontade de levar essa cena a diante é só crescer.

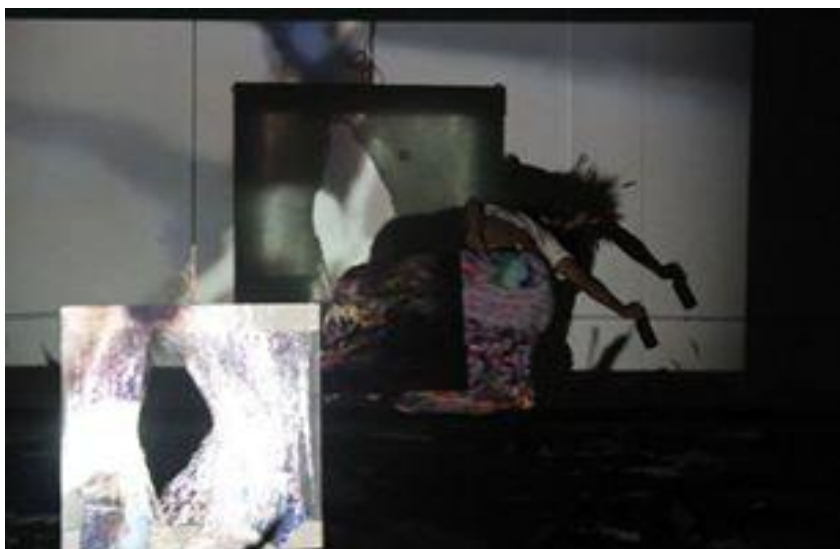


Foto 1: Relatos, Direção: Marcos Sales, Atriz: Maria Luiza, Foto: Jones Barsou



Foto 2: Relatos, Direção: Marcos Sales, Atriz: Maria Luiza, Foto: Jones Barsou

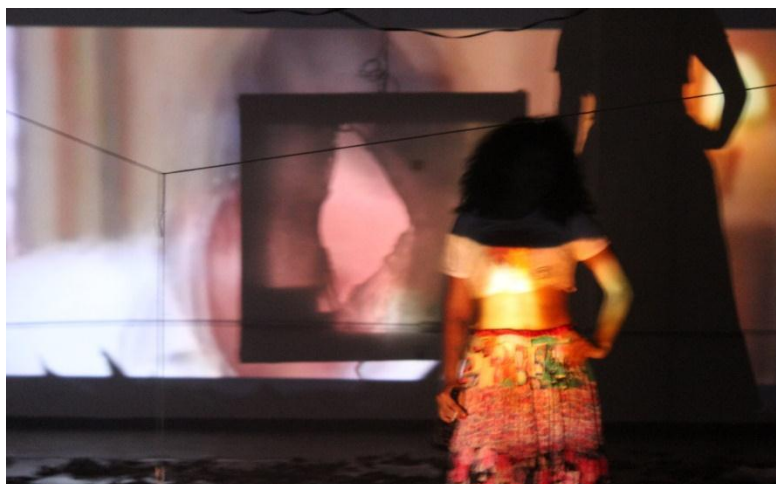


Foto 3: Relatos, Direção: Marcos Sales, Atriz: Maria Luiza, Foto: Jones Barsou

O processo foi de extrema importância para a nossa formação acadêmica pois nos proporcionou muitas informações acerca do assunto escolhido e onde pude refletir sobre minhas vivências pessoais e como poderia dar continuidade a pesquisa após a finalização do processo cênico.

Leituras de artigos, livros e reportagens serviram de inspiração na busca por informações e questionamentos de como poderia continuar nessa linha de pesquisa. Após todas as leituras e reflexões, me coloquei a pensar em como é visto o teatro “gay”. O público das peças LGBT+ em sua maioria são as próprias pessoas da comunidade, pois há uma pressuposição da maior parte da sociedade em achar que as produções LGBT+ são apenas para um público específico, o que não é o caso. Moreno, que é dramaturgo e pesquisador, afirma que mesmo havendo a produção de espetáculos sobre a temática LGBT+ vemos que “no entanto, para a grande maioria, as peças que abordam o homoerotismo não constituem bom teatro e sim, manifestos de uma minoria em busca de uma conquista de espaço” (MORENO, 2001, p.01).

A partir das concepções de Moreno, pode-se chegar à conclusão de que os LGBT+ querem com o Teatro um espaço de fala, que por vezes é negado dentro da sociedade, sendo o palco utilizado como forma de atender a transformação do olhar pejorativo a esta parcela da população que tem na linguagem artística a possibilidade de transformar a comunicação junto ao público.

Moreno ainda nos aponta que:

Ao que parece finalmente a dramaturgia gay 'saiu da gaveta' e veio para assumir seu lugar, com um farto leque de abordagens. Mas uma questão crucial é a compreensão de que a construção da discutida 'identidade gay' parece-me infrutífera. Deve-se falar em identidades, sexualidades. Não se pode aprisionar a diversidade. Ainda mais nesse momento em que a comunidade gay experimenta a visibilidade e se expõe em toda sua complexidade de relacionamentos, práticas e famílias. E, ao se expor, a identidade gay se modifica. Sexualidade em ebulição. Constrói-se e reconstrói-se. Dia a dia, público a público. (2001, p.08)

Partindo desses pensamentos chego ao ponto de partida “A presença do LGBT+ em cena” me propondo a pensar na trajetória desses artistas até chegar aos palcos, os vendo como referência nos dias atuais para muitos artistas e como eles trazem toda uma revolução na produção artística teatral. A figura LGBT+ na cena brasileira tem tomado espaço gradativamente, mas ainda existem muitos artistas que caíram no esquecimento mesmo apresentando uma carreira estruturada. No intuito de analisar e pôr em prática meus conhecimentos científicos, pretendo organizar de forma inicial parte desse material historiográfico com o objetivo de retribuir e divulgar o trabalho destes importantes Artistas, assim como, colaborar para incentivar outras pesquisas desta temática junto ao Curso de Teatro da UNIFAP, contribuindo também para a cena LGBT+ apresentando sua produção teatral e sua visibilidade dentro e fora dos palcos.

Esta pesquisa pretende resgatar artistas LGBT+ de diferentes décadas contextualizando até os dias atuais. A partir de pesquisas historiográficas será feito um recorte da presença de Atores/Atrizes Trans, em cena no Teatro nacional e trazer as suas contribuições para a cena artística chegando até Macapá, ressaltando a importância de cada artista, a consolidação de sua trajetória até os palcos e como podemos perceber quais as referências destes artistas no Teatro Moderno.

Percebo que todas essas vivências aqui relatadas foram necessárias para chegar ao meu ponto de partida presente nesta monografia, apresentando caminhos capazes de explorar o vasto conhecimento proporcionado pela Pesquisa em Artes

Cênicas mas que ainda possui um longo caminho a ser percorrido.

2.TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO LGBT+

O movimento LGBT+, em âmbito geral (sua constituição e formação) trata da importância da visibilidade relativa a identidade de gênero e diversidade sexual. A história do movimento LGBT (sigla inicial) se iniciou no dia 28 de junho de 1969 nos Estados Unidos no bar Stonewall Inn, em Nova York, bar muito frequentado pela comunidade LGBT+ a época tendo este bar grande projeção na localidade. Os policiais de Nova York promoviam ações de vigilância e controle a manifestações homoafetivas invadindo vários estabelecimentos e espaços de convivência promovendo atos violentos e até mesmo prisões. Numa destas intervenções policiais no bar Stonewall Inn toda a comunidade LGBT+ local se juntou para enfrentar os policiais promovendo uma forte rebelião e uma série de manifestações contra esta invasão que estava acontecendo pelos policiais da cidade nos bares gays de Nova York.

Os homossexuais nos Estados Unidos na época de 1950 a 1960 enfrentavam o sistema jurídico anti-homossexual que era a favor da divisão entre heterossexuais, e homossexual. Poucos locais aceitavam a presença de homossexuais sendo o Stonewall Inn um dos poucos bares que acolhiam este público. Os donos de Stonewall Inn eram grandes mafiosos na época e aceitavam todos os tipos de clientes possíveis. As batidas policiais nos bares gays eram comuns em 1960, porém houve várias manifestações e os moradores de Greenwich Village, local onde se localizava o bar, junto aos homossexuais que moravam na mesma vila se uniram rapidamente para fazer várias manifestações contra essas ações agressivas. A partir destas manifestações foram criados vários grupos de ativistas que foram espalhados pela cidade para que as pessoas que faziam parte da comunidade não fossem presas e pudessem estar seguras. De acordo com Trevisan (2004, p.19), “o homossexual continua vivendo num universo concentracionário, sob o rígido controle da moral dominante”. Trevisan, em sua obra “Devassa no Paraíso”, aborda a história da homossexualidade com uma reflexão da colonização até os dias atuais mostrando como a comunidade LGBT+² é oprimida diretamente por ditas classes dominantes.

²Há várias siglas utilizadas pelo movimento. Uma delas é a sigla LGBTQI que inclui as diversas orientações. Entretanto, como esta sigla ainda possui variações. Optou-se neste trabalho pela sigla LGBT+ (+sinal de adição de mais identidades).

No meio cultural, vários artistas foram perseguidos e exilados do Brasil na época da ditadura (1964) e essas questões de controle de classe, atravessam até os dias atuais. Trabalhar no meio artístico é algo complexo e para quem faz parte da comunidade LGBTQ+ é mais complicado, por isso a importância da visibilidade destas pessoas. Fazer Arte e ser Artista LGBTQ+ é resistir diariamente não só nos palcos como também na vida.

Na década de 1960 temos que alguns movimentos estavam tomando frente como o Movimento dos Direitos Civis dos Negros nos Estados Unidos e as manifestações contra a guerra no Vietnã. Essas influências foram balisadoras para a rebelião Stonewall Riot (nome dado à manifestação realizada pela comunidade LGBTQ+ no bar Stonewall Inn). Essa manifestação é o primeiro marco histórico para a comunidade LGBTQ+ e onde podemos ver a luta pelos direitos civis e igualitários reverberar até os dias atuais. Portanto, no dia 28 de junho é comemorado o Dia Internacional do Orgulho LGBTQ+, onde se comemoram os obstáculos vencidos por esta comunidade, sem esquecer ainda de um longo caminho a ser percorrido uma vez que se-marca com essa data a existência conceitual desta comunidade.

De acordo com o Manual Respeite os Meus Direitos, Respeite a Minha Dignidade, produzido pela ANISTIA INTERNACIONAL e construído por vários autores:

As comunidades podem existir fisicamente, como um grupo de pessoas que compartilham uma localização geográfica, ou podem ser comunidades de pares definidas por crenças, história ou acordos comuns que existam entre um grupo de pessoas, seja presencial ou on-line. As pessoas podem nascer nela, mudar-se para ela, unir-se a ela e/ou escolher ser parte dela. Algumas comunidades têm uma história definida, como as étnicas, as religiosas, aquelas baseadas na língua ou os grupos indígenas, enquanto outras não estão definidas tão claramente. (2014, p.07)

De acordo com a citação acima percebemos que os estudos acerca da comunidade LGBTQ+ são relevantes quando falamos sobre a comunidade. Definir a identidade de gênero e sexualidade através de siglas chega a ser complicado para algumas pessoas quando a visão é somente de letras e não da representatividade que cada letra carrega assim como ocorre a questão de não saberem diferenciar identidade de gênero de sexualidade no meio social.

O número de pesquisas no segmento LGBTQ+ vem crescendo buscando sanar a lacuna da visibilidade sobre o assunto e o reconhecimento acerca dele mesmo não

só para esta comunidade, mas como uma contribuição para a sociedade em geral desencadeando outras pesquisas contribuindo ainda mais para a formação, promovendo visibilidade e mostrando um pouco da realidade dessa comunidade desde de seu início até os dias atuais.

A identidade de gênero ainda é uma das grandes discussões na sociedade em que na maioria das vezes, o público LGBTQ+ é colocado no lugar de invisibilidade e tirando seu lugar de fala³. Podemos reverter essa situação diante da sociedade e fazer a quebra desse tabu de como é vista a questão da identidade de gênero.

De acordo com o Manual Respeite os Meus Direitos, Respeite a Minha Dignidade, produzido pela ANISTIA INTERNACIONAL e construído por vários autores:

Uma pessoa cuja identidade não se adapta às normas sociais dominantes de uma sociedade pode ser rotulada como anormal, imoral, sem dignidade, inferior, perigosa ou até criminosa. Alguns temas podem se converter em tabus sociais e temas silenciados nas conversas. As normas sociais e culturais definem não só o comportamento esperado de nós, mas também o que podemos e não podemos debater aberta e honestamente. (2014, p,48)

Na perspectiva de entendermos essa construção identitária apresentamos conceitos veiculados junto ao material produzido pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania de Minas Gerais que, de forma didática, contribui para o entendimento da multiplicidade de conceitos que envolvem a identidade de gênero:

CONCEITOS LGBT

Travesti: É uma identidade política das mulheres transexuais. Pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino mas não se reconhecem como homens. É importante ressaltar que travestis, independente de como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, considerando insultuoso serem adjetivas no masculino.

Homem Trans: Pessoa que possui uma identidade de gênero masculina diferente do sexo designado no nascimento.

Mulher Trans: Pessoa que possui uma identidade de gênero masculina diferente do sexo designado no nascimento.

Entender estes conceitos é perceber como a questão da identidade de gênero é plural e que vai além da compreensão de identidade a partir do órgão sexual.

³ É um mecanismo que surgiu como contraponto ao silenciamento da voz de minorias sociais por grupos privilegiados em espaços de debate público. Ele é utilizado por grupos que historicamente têm menos espaço para falar. Assim, negros têm o lugar de fala - ou seja, a legitimidade - para falar sobre o racismo, mulheres sobre o feminismo, transexuais sobre a transfobia e assim por diante.

3.TRANS – TRAJETÓRIAS

Após os anos 70 e 80 que foram anos de luta de liberdade sexual e igualdade de gênero de forma veemente no Brasil e no Mundo, tivemos alguns avanços onde se abriram portas para os outros coletivos como as travestis, transexuais e transgêneros. O respeito com a individualidade de cada um é necessário e por isso é importante sabermos diferenciar os três termos que estão inclusos na letra T da sigla LGBTQ+:

Travesti: O ponto de partida é não ser identificado com o seu sexo biológico ou seja, pode ser homem ou mulher, e sempre trazem as características de homens e mulheres e alguns se identificam como terceiro gênero.

Transexual: É o radicalismo do “transgeneridade”⁴, ou seja, o não se encaixar nas características do sexo biológico no qual nasceu. O transexual deseja alterar sua constituição biológica, fazendo a mudança de sexo, sendo a cirurgia a única a fazer entender sua identidade atribuída.

Transgênero: Assim como os outros o transgênero não se identifica com seu sexo biológico, é como se tivesse nascido em um corpo errado. Não se trata só de uma questão de orientação sexual mas de uma questão de pertencimento cultural e social e não implica na mudança de sexo o que há é um conflito de identidade.

As marcas de luta da comunidade LGBTQ+ reverberam também na cena artística dando oportunidade para grandes artistas mostrarem seu trabalho. O Brasil tem uma cena LGBTQ+ muito forte que envolve muitas linguagens como a Música, Teatro, Dança entre outras. Aqui teremos um breve recorte do levantamento de alguns Artistas Trans que contribuem não só a causa LGBTQ+ como para a cena artística nacional:

⁴Transgeneridade é a quebra dos papéis tradicionais. Na sociedade, existem os papéis clássicos, do “homem e da mulher”, em que orientação sexual está ligada ao seu sexo biológico. A sociedade tem o pensamento que as pessoas devem se comportar da maneira em função dos órgãos genitais no qual eles nasceram, por isso acaba ocorrendo esse não saber diferenciar identidade de gênero x sexualidade. Essas identificações não devem estar relacionadas a nosso papel de gênero e muito menos a nossa anatomia. Transgeneridade não é a mesma coisa que transexual, transexual não se sente confortável com sua anatomia social, seja, como homem ou mulher, que não corresponde a sua identidade de gênero, sua identidade legal não correspondida pela sua identidade real.



Foto 4: Linn da Quebrada.
Fonte: Braga E Guimarães (2017)

Linn da Quebrada é uma cantora, atriz, compositora e ativista trans. É uma das Artistas mais relevantes atualmente no cenário LGBTQ+. Conseguiu tocar em tabus através da música com seu estilo particular irônico. Iniciou sua carreira como performer e em 2016 lançou sua primeira música chamada “Enviadescer” pela plataforma digital Youtube e após isso se lançou na música com o nome MC Linn da Quebrada.

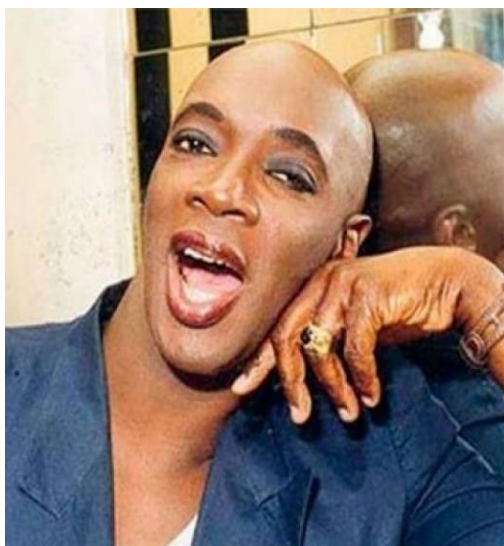


Foto 5: Jorge Lafond.
Fonte: Portal Holanda (2014)

Jorge Lafond estudou balé clássico e danças africanas e formou-se pela UNIRIO. Chegou a trabalhar com Mercedes Baptista, uma das primeiras mulheres negras a adentrar o balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Trabalhou em muitos cabarés no Rio de Janeiro e iniciou sua carreira como bailarino profissional aos 20 anos apresentado espetáculos de dança com seu grupo folclórico onde permaneceu por 10 anos. Entrou na televisão e participou de muitos programas onde seu personagem Vera Verão se consolidou no programa humorístico “A Praça é Nossa” onde permaneceu por 10 anos. Participou de filmes e novelas. Aos 50 anos no 28 de dezembro de 2002 Jorge Lafond foi vítima de um ataque cardíaco, deixando um legado de resistência e representatividade.



Foto 6: Laerte Coutinho.
Fonte: Revista Galileu (2013)

Laerte Coutinho é uma cartunista e chargista brasileira que em 1951, foi considerada uma das melhores artistas do País. Estudou Comunicação e Música na Universidade de São Paulo mas não se formou nos cursos. Laerte participou de diversas publicações de revistas como Istoé, Veja e os jornais Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo e criou diversos personagens como: Piratas do Tietê e Overman. Já atuou na televisão colaborando com alguns programas como TV Pirata e primeira temporada de Sai de Baixo, dentre outros, nos anos de 2012, 2015 e 2017. Laerte contribuiu para a indústria do cinema sendo protagonista em alguns documentários como o “Vestido de Laerte”, que ganhou nas categorias melhor curta e melhor direção do Festival de Cinema de Brasília 2012.



Foto 7: Valentina Sampaio.
Fonte: Vogue Alemanha (2017)

Valentina Sampaio é uma modelo e atriz brasileira que ficou reconhecida por ser a primeira mulher transgênero a posar para a revista de moda Vogue, uma das revistas mais conceituadas internacionalmente. Nasceu em uma aldeia de pescadores no Ceará e além de ser modelo cursa Arquitetura.

No cinema, em 2017 participou do filme “Berenice a procura” e na novela “A força do querer” Tv globo.



Foto 8: Eric Paes Barreto.
Fonte: Beaulieu (2012)

Eric Paes Barreto foi ator brasileiro oriundo de Pernambuco. Conhecido por se “montar” de Carmem Miranda nas casas de shows do Rio de Janeiro, foi convidado pela irmã da própria Carmem Miranda para protagonizar docudrama “Carmen Miranda: Bananas is my Business” de 1995. Um de seus personagens se chama Diana Fisk, que tinha várias interpretações de artistas da música pop internacional. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 03 de maio de 1996.



Foto 9: Roberta Close.
Fonte:UOL (2017)

Roberta Close é uma modelo, cantora, atriz e apresentadora transexual, que foi a primeira trans a posar nua para a revista Playboy (revista de nu feminino de grande projeção nacional possuindo publicações em quase todo o mundo) e também em editoriais de outras revistas de moda importantes. Em sua adolescência se descobriu trans tendo que enfrentar a família quando decidiu mostrar sua identidade de gênero publicamente. Fez cursos de Teatro e Música e conseguiu sucesso na sua carreira de atriz e cantora e em 1981 ganhou o título de Miss Brasil Gay.



Foto 10: Nany People.
Fonte: Brasília (2018)

Nany People artista, humorista, comentarista, atriz, locutora, colunista e repórter, que nasceu em Minas Gerais e sua criação foi em Poços de Caldas. Fez curso de extensão universitária de interpretação pela UNICAMP e Teatro no Teatro Escola Macunaíma. Teve uma coluna na Revista G magazine em 1997 a 2003 e participou de muitos programas de TV trabalhando em várias emissoras dentre eles A Praça é Nossa onde ficou reconhecida em âmbito nacional. No cinema atuou nos filmes *Cama de Gato*, *Acredite um espirito baixou em mim*, *O riso dos outros* e no Teatro *Um homem é homem*, *Nany People salvou meu casamento*, *Meninas crescidas não choram*.



Foto 11: Liniker.
Fonte: G1 (2016)

Liniker, é vocalista da banda Liniker e os Caramelows, compositor e canta *soul* e *black music*. Nasceu em uma família de músicos e em 2014 entrou na escola de Teatro em Santo André e investiu na sua identidade como andrógino e em 2015 formou a banda Linikers e os Caramelows que lançou seu *single* chamado “Zero”. O vídeo com a interpretação da música ganhou milhões de visualizações e em 2016 lançou seu próximo álbum chamado “Remonta”. A revista Rolling Stones Brasil fala de seu visual desconstruído sendo não definido como homem e nem mulher sendo um exemplo de não-binário.



Foto 12: Thamy Miranda.
Fonte: Bahia (2017)

Thamy Miranda é um ator, cantor, compositor e modelo transexual brasileiro.

Assumiu-se em 2016 e em 2014 começou seu processo de transição. Lançou o CD “Lindo Anjo” em 2001. Em 2007 e 2008 atuou em três filmes pornôs “*Sádica*”, “*Thammy e Cia*” e a “*Stripper dos seus sonhos*”. Por volta de 2012 volta para a telas da televisão na novela “*Salve Jorge*”, de Glória Perez. Estréia no Teatro em 2017 com a peça “*T.R.A.N.S.: Terapia de Relacionamentos*”



Foto 13: Laura de Vision.
Fonte:Cristina (2012)

Laura de Vision, foi uma atriz que por sua atuação em *Os Bigodes de Aranha* recebeu a Medalha de Ouro no Festival du Court-Métrage de Bruxelles, Bélgica, em 1991 e um prêmio no Fest Rio, na categoria de melhor ator em “*Mamãe Parabólica*”. Laura fez sucesso nas décadas de 70,80 e 90 como *Drague queen* nas noites carioca. O personagem surgiu em 1981. Laura fazia grandes shows na cena LGBT+ no Rio de Janeiro. Foi professor no Colégio Cenecista Capitão Lemos Cunha no Rio de Janeiro e perdeu o emprego por responder perguntas dos alunos sobre a transmissão da AIDS e por admitir ser homossexual. Em 9 de julho de 2007 vem a óbito por motivos cardiorrespiratórios e por problemas de uma cirurgia de hérnia.



Foto 14:Isabelita dos Patins.
Fonte:Wikipédia (2018)

Isabelita dos Patins, é uma drag queen que nasceu na Argentina e se mudou para o Brasil muito cedo. Em 1993 enquanto patinava na Avenida Atlântica, teve um

encontro inesperado com Fernando Henrique Cardoso, o candidato a Presidente da República, onde posou para fotos e no dia seguinte estava em todos os jornais e revistas fazendo parte das charges do cartunista Chico Caruso por semanas. Com Fernando Henrique eleito Isabelita dos Patins ficou conhecida nacionalmente através participações em programas de televisão e comerciais de grifes



Foto 15: João Francisco do Santos.
Fonte: Wikipédia (2018)

João Francisco do Santos conhecido como *Madame Satã* é visto como um dos grandes personagens da vida noturna carioca da metade do século XX. Na sua juventude morou em Recife onde prestava alguns serviços para se manter. Logo após se mudou para o Rio de Janeiro no bairro da Lapa. Analfabeto, um dos seus empregos foi o de carregador de marmitas. Era um grande frequentador de seu bairro conhecido como reduto carioca onde se encontrava a malandragem e boemia na década XX. Trabalhou como segurança nas boates noturnas e sempre cuidava da segurança das garotas de programas para não serem agredidas e vítimas de estupro. Foi preso por diversas vezes por desacato a autoridade. Lutava com a polícia pois era um excelente capoeirista, geralmente em reposta a insultos a mendigos, prostitutas, travestis e negros. Virou uma referência marginal urbana do século XX. Cumpriu 16 anos por um

assassinato de um policial em 1928. Teve o livro publicado em 1972 “ *Memorias de Madame Satã*” e em 2002, foi exibido um filme em sua homenagem contando sua vida intitulado *Madame Satã*, premiado nacional e internacionalmente, onde é interpretado por Lázaro Ramos.

A importância da representatividade desses artistas no cenário artístico não só atual mas geral promove um espaço de fala e de visibilidade sobre o assunto que para muitos é tabu. A projeção midiática artística LGBTQ+ promove a possibilidade de benefícios de visibilidade não só o Artista em si, mas à toda comunidade que representam.

4. TRAJETÓRIAS TRANS – FORMADORAS

Aprofundando no recorte da pesquisa focalizaremos agora na contribuição de Artistas Trans brasileiros que em uma questão histórica se configuram importantes para a Cena Teatral LGBTQ+, promovendo visibilidade de discursos de diversidade sexual e identidade de gênero na Cena Teatral Brasileira estabelecendo contribuições à história do Teatro.

O Teatro no Brasil tem como referência de início o século XVI com as manifestações de catequização dos indígenas através do Teatro pelos jesuítas para propagar as ideias cristãs. O padre José de Anchieta foi um dos primeiros a fazer parte da catequização, passando seus conhecimentos bíblicos através de apresentações artísticas utilizando o Teatro em caráter mais religioso do que artístico. Esse tipo de teatro se perdurou e no século XVII se amplia promovendo encenações que faziam reflexão à realidade do povo, entre elas a Via Sacra, que na sexta-feira Santa, representa a agonia de Cristo antes de sua partida.

Com a chegada da família real em 1808 e com o decreto de Dom João VI que vem determinar a melhoria do espaço do Teatro Nacional para poder receber modelos de teatro francês para a diversão da aristocracia, um descaso à cultura e costume locais ocorreram. Após esse momento houve o surgimento de outros gêneros como a comédia, com o principal objetivo de mostrar a realidade que o país estava passando aos espectadores de forma crítica e caricata. Na época do Brasil colonial, homens travestidos eram comuns nos palcos brasileiros, suprimindo a necessidade das atrizes em cena, pois para as mulheres da época estar em um palco significava era expor suas intimidades ao público, assim deixando um legado de má fama as mesmas.

Como afirma Meneses, et al.:

Desde então, a prática do travestimento veio se transformando com o tempo: de simples artifício para compensar a escassez de atrizes, chegou-se à representação de personagens femininas construídas para serem desempenhadas por homens cisgênero (como na cultura drag, por exemplo). (2018, p.160).

A ação de travestir faz parte do Teatro, mas nesta pesquisa abordamos o travestimento no sentido de identidade pessoal e não como caracterização ou montagem de um personagem.

De acordo com o artigo “*Presença Travesti e Mediação Sociocultural nos palcos brasileiros: uma periodização histórica*”, o Teatro junto ao cinema já dialogam há muito tempo com a questão do “*Travestimento e a Transgeneridade*” mostrando que essa discussão já existia desde o século XVIII.

Apesar da questão do travestimento ser comum no Brasil colonial, temos como registro a presença do ator *Jhon Bridges* se apresentando no Rio de Janeiro, imitando uma atriz portuguesa chamada Pepa Ruiz nas décadas de 1920 e 1930. Em 1950, diretamente da Europa para a companhia *Walter Pinto* chega *Ivana*, que veio para atuar como vedete e junto a ela veio o auge dos espetáculos de revistas. *Ivana* é citada com frequência como a primeira *travesti* do Teatro brasileiro e em seus primeiros espetáculos era apresentada como uma vedete francesa e seu sexo era omitido. Tempos depois seus produtores começaram a usar o marketing estimulando a curiosidade ao público sobre sua sexualidade, revistas estampadas “*Ivana – homem ou mulher?*” mostrando que:

O fenômeno Ivana sugere que nos anos 1950 já surgiam formas de transpor barreiras binárias de gênero e sexualidade. É sabido que Ivana, ao menos durante boa parte de sua vida, viveu como homem e adotava vestuário masculino quando não estava em cena (MENESES et al. 2018, p.163).

Pode se dizer que *Ivana* é uma precursora da Cena Trans no Brasil e que deixou um grande legado de questionamentos na sociedade e, dando sequência a esta representatividade, temos outra grande Artista na Cena Trans, chamada Rogéria.

Após essa trajetória o Teatro vem ganhando uma nova roupagem. A importância de falar como esse Teatro foi conservador e padronizado durante muito tempo é para chegarmos até os dias de hoje e entender o percurso aqui abordado. Nessa perspectiva, a visão limitadora do que poderia ser um bom Teatro ainda encontra lugar quando estamos diante de espetáculos teatrais com temática e Artistas Trans já que:

Para Newton Moreno (2001) o homoerotismo em cena é entendido por muitos como um prolongamento de manifestações políticas, que acaba se tornando um ringue de luta e raramente é compreendida sua presença no

Teatro como um espaço de Criação Teatral, sendo esta cena vista por muitos como um desfile de corpos estereotipados no palco.

No cenário nacional podemos ver grandes Artistas que tiveram total reconhecimento e que se tornaram referência no Teatro Brasileiro construindo uma carreira promissora. Passando por grandes obstáculos, transitando entre o padrão clássico do Teatro tornando-o político e transgressor elencamos aqui numa perspectiva histórica alguns nomes de Artistas Trans que potencializaram importantes conceitos às Artes da Cena.

Busca-se nesta tabela geral apresentar expoentes da Cena Trans ligados a importantes contextos históricos brasileiros numa perspectiva cronológica e que possuem lugares importantes na história do Teatro Brasileiro:

Tabela 1: Expoentes da Cena Trans

ARTISTA	BIOGRAFIA	CONTRIBUIÇÕES A CENA TEATRAL
<p data-bbox="225 958 416 987">Dzi Croquete</p>  <p data-bbox="277 1160 544 1216">Foto16: Dzi Croquetes Fonte: G1(2016)</p>	<p data-bbox="624 958 938 1653">O grupo foi criado em 1972 e se destacaram pelo seu visual com maquiagens fortes e trajes femininos chocando o público com sua androginia e ações contra a ditadura militar. Seu espetáculo “<i>Gente espetáculo igual a você</i>” foi censurado e o grupo foi exilado em Paris. Reestreado a peça no Le Palace. O sucesso foi tanto que conseguiram a colaboração de Liza Minelli e o cineasta Claude Lelouch, no filme <i>Le chat et la Souris</i>.</p> <p data-bbox="624 1664 938 2024">Em 2012, o ex – integrante Ciro Barcelos montou o espetáculo Dzi Croquettes em Badália que foi um musical para comemorar os 40 anos do grupo. O grupo teve uma trajetória bastante curta, mas foi grande influência para outros</p>	<p data-bbox="970 958 1385 1626">Foi responsável pelo estabelecimento do Musical enquanto estilo Teatral no Brasil. Projetou o Teatro Brasileiro para além do País. Mesmo com a censura e a ditadura da época os Dzi Croquetes revolucionaram o meio Teatral, com sua androginia e grandes espetáculos com muitas danças e corpos a mostra. Indo contra os princípios da ditadura e mesmo nesse momento difícil conseguiu lotar casas de shows no Brasil. Deixa como referência sua revolução no meio Teatral na Cena Gay e abrindo caminho para outros artistas.</p>

	<p>grupos LGBT+ formados nos anos de 1980 e 1990.</p>	
<p>Grupo de Teatro Vivencial</p>  <p>Foto 17: Teatro Vivencial Fonte: UFM (2017)</p>	<p>Um grupo com influências do Dzi Croquettes e do tropicalismo. Surge em Olinda por volta de 1974, tornando-se um marco na contracultura na cena Pernambucana nos anos de 1970 e 1980. Usavam o Teatro como meio de refletir os acontecimentos da época. O primeiro espetáculo foi 1974 no colégio São Bento com assuntos como homossexualidade, drogas, política e cultura de massa. A reação da plateia foi forte e após a apresentação o grupo teve que procurar outro lugar para realizar suas atividades pois realizava o trabalho na Pastoral da Juventude ligada a Arquidiocese de Olinda.</p>	<p>Responsável pela continuidade da Cena Teatral LGBT+, o grupo sendo totalmente transgressor no ano de 1980 falando de assunto importantes que na época eram tratado como Tabu, ligados a realidade que envolvia as pessoas LGBT+ ampliando para a discussão da Saúde. Importante movimento da cena teatral LGBT+ no Nordeste, formando artistas e contribuindo com a discussão para além do Sudeste em especial o eixo RJ-SP.</p>

<p>Rogéria</p>  <p>Foto 18: Rogéria Fonte: UOL (2018)</p>	<p>Foi maquiadora e transformista brasileira e morou por 5 anos em Paris onde apresentava vários shows. Em 1979 recebeu o Trófeu Mambembe do espetáculo que fez com Grande Otelo, um dos grandes artistas do cassino carioca e do Teatro de revista. Participou de novelas e programas televisivos e em 2016 lançou sua biografia, <i>Rogéria – Sou uma mulher e mais um pouco</i>. Em Julho de 2013 foi internada duas vezes por uma infecção generalizada. No dia 04 de setembro de 2017, aos 74 anos Rogéria falece.</p>	<p>Consegue reconhecimento de crítica e mídia como Atriz, sem questionamento a sua identidade de gênero. Consegue estabelecer a imagem positiva da Travesti no cenário de profissionais da Arte abrindo espaço para a presença Trans não só no Teatro como na Televisão e no Cinema. Deixando sua identidade Travesti bem clara ao público tendo visibilidade e identidade respeitada e até ganhando bordão da família da época “<i>Rogéria a Travesti da família brasileira</i>”, sua participação junto a outras travestis faz surgir o show <i>Divinas Divas</i>, espetáculo musical que durou anos e se apresentou em todo o Brasil, que inclusive se tornou documentário.</p>
<p>Silvero Pereira</p>  <p>Foto 19: Silvero Pereira Fonte: Teatrojornal (2013)</p>	<p>Iniciou sua carreira aos 17 anos no Teatro. Além de muitos trabalhos com grupos cearenses, ele fundou duas companhias em Fortaleza (Inquieta Cia. de Teatros e o Coletivo Artístico As Travestidas). O coletivo Artístico as Travestidas é coordenado por ele há 14 anos, sendo composto por atores e atrizes travestis, transexuais e <i>drag queens</i>. Silvero explica qual a importância do seu projeto: “O projeto visa questionar a sociedade sobre a caricatura e o estereótipo do universo Trans, promovendo, com isso, um conhecimento mais aprofundado sobre o</p>	<p>Estabelece no campo das Artes da Cena a pesquisa sobre a pessoa Trans no Teatro contribuindo com a construção de uma dramaturgia ligada as questões Trans. É um dos grandes artistas da época atual e sua linha de pesquisa tem tido visibilidade e compromisso com a Cena gay Teatral do Brasil. Além de estar nos palcos, também ocupou lugares importantes como a interpretação de um drag queen em uma novela do horário nobre.</p>

	<p>assunto e tentando desconstruir preconceito, esclarecendo e promovendo uma maior compreensão através da arte, em especial o Teatro". Já produziu vários espetáculos teatrais como BR-Trans e Uma flor de drama que já circulou Sul e Sudeste do País.</p>	
<p>Wallace Ruy</p>  <p>Foto 20:Wallace Ruy Fonte: Facebook (2017)</p>	<p>Se formou no curso de Artes Cênicas na Universidade Federal de Ouro Preto, é atriz e performer e se define como uma mulher trans não binária. Nascida no interior de SP decidiu fazer a sua transição há 6 anos atrás e foi bem acolhida pela família pois transita nas duas maneiras seja no feminino e masculino. A relação se iniciou ao lado de Laerte com um espetáculo que falava de gênero e diversidade onde foi seu primeiro contato com o tema no Teatro e desde então segue na companhia Teatro Oficina de um dos grandes diretores do Teatro brasileiro: Zé Celso.</p>	<p>Na atualidade, contribui para a discussão e inserção do Artista Trans nos cursos de Teatro(Bacharelado/Licenciatura) no País. Seu trabalho na Cena Teatral mostra importância desses artistas ocuparem esses espaços desde a universidade até aos palcos e TV. Faz parte de uma grande companhia de Teatro de uns dos grandes diretores do Brasil impulsionando a Cena Trans com vários trabalhos artísticos promovendo visibilidade do segmento.</p>

Renata Carvalho



Foto 21: Renata Carvalho
Fonte:UOL (2016)

Começou no Teatro na adolescência, no ano de 1990 e acabou se destacando na cena de Santos em São Paulo pelos papéis femininos em grandes montagens de dramaturgos conhecidos mundialmente. Longe do Teatro por dez anos se dividiu em duas funções: a de agente de prevenções e assistência a travestis e transexuais em São Paulo, fundadora do Coletivo T, que é um coletivo voltado apenas para transgêneros e também contribuiu para a criação do Monart (Movimento de Artistas Trans). Um de seus espetáculos de maior repercussão se chama “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu”.

Tem contribuído com a organização do Movimento Trans no Teatro, na defesa da pessoa Trans interpretando personagem Trans e na pessoa Trans interpretar personagens femininos, pautando a discussão da identidade de gênero junto à escolha de personagens nas produções teatrais. Além de ser importante na Cena Teatral, tem um grande trabalho de cunho social voltado a comunidade Trans. Sua contribuição para o a Cena Teatral é indispensável junto com sua bandeira de luta e se seu ativismo que vem revolucionando a cena Trans no Brasil.

<p>Cláudia Wonder</p>  <p>Foto 22:Cláudia Wonder Fonte: G1 (2010)</p>	<p>Em 1980, era vocalista de uma banda de rock em São Paulo, chamada <i>Jardim das delicias</i>. Foi escritora, atriz e na noite trabalhava nos clubes de casa noturna, participou de peças e filmes na cena artística brasileira. Declarada ativista da comunidade LGBT+, em 2009 sua vida virou documentário chamado <i>Meu amigo Claudio</i>, onde foi premiado em vários festivais dedicados ao cinema gay.</p>	<p>Transformar as casas noturnas em espaços culturais e de recebimento da cena LGBT+ formando público para as manifestações artísticas LGBT+. Cláudia passa a usar sua própria voz em cena, não fazendo uso de dublagens.</p>
<p>Thelma Lipp</p>  <p>Foto 25: NLUCON (2017)</p>	<p>Atriz e modelo dos anos 80, de uma enorme visibilidade nos programas televisivos da época. Uma das únicas travestis a posar para revista playboy no ano de 1980. Nos palcos brilhou na peça <i>Mil e uma noite</i>, de Ronaldo Ciamboni e nas telas estreia no filme <i>Dores de Amor</i>, de Pierre- Alan Meier e Matthias Kalin. Em 2001, foi convidada para fazer parte do filme <i>Carandiru</i>, mas por questão de estratégia de <i>marketing</i>, o seu papel foi dado a Rodrigo Santoro.</p>	<p>Revolucionou os programas e passarelas na década de 80. Tendo bastante visibilidade e respeito com o público e reconhecimento no cinema e no Teatro. Ocupou espaços jamais ocupados antes por Artistas Trans sendo considerada uma das musas brasileiras abrindo espaços para a representatividade Trans no cenário artístico.</p>

Os exemplos aqui apresentados possuem seu lugar importante na história do Teatro, principalmente na questão dramática uma vez que em sua maioria promoveram criações autorais ou representaram textos de novos/novas dramaturgos/dramaturgas ou promoveram adaptações teatrais em textos clássicos se pautando na questão da identidade de gênero, discutindo-a na cena teatral, mostrando que:

Ao que parece, finalmente a dramaturgia gay 'saiu da gaveta' e veio para assumir seu lugar, com um farto leque de abordagens. Mas uma questão crucial é a compreensão de que a construção da discutida 'identidade gay' parece-me infrutífera. Deve-se falar em identidades, sexualidades. Não se pode aprisionar a diversidade (MORENO,2001, p.317).

Ainda de acordo com Moreno (2001), a Cena Trans atualmente veio para tomar o seu lugar e abordar identidades e sexualidades, não buscar uma cena gay, mas fazer um diálogo diretamente com esses temas que precisam ser discutidos e poder usar esse espaço, ou seja, o Teatro como uma forma de dialogo saudável, onde se desmitifique essa visão da cena gay como algo menor fomentando conhecimento não só as Artes da Cena mas a História Cultural e Política do País.

Na perspectiva de aprofundar no recorte proposto, apresentamos o relato de 2 artistas Trans pertencentes a cena Teatral atual e que possuem trajetória de formação artística através do Ensino Superior para refletirmos um pouco mais sobre a importância de discutirmos as reflexões iniciais apresentadas, principalmente em regiões fora do Eixo mais midiático, como a Região Norte, em específico Macapá. Pela necessidade de dar voz a estas pessoas apresentamos de forma integral as entrevistas feitas pela potencialidade destes relatos que não poderiam se configurar como anexos.

5.TRAJETÓRIAS EM (TRANS) FORMAÇÃO

Abaixo apresentamos depoimentos em forma de entrevista feito a Artistas Trans de Macapá- AP. Foram entrevistadxs⁵ Kai e Maria Luiza, discentes do Curso de Licenciatura em Teatro da UNIFAP. A entrevista foi realizada em forma de questionário on line e abaixo segue a transcrição literal das mesmas:

Entrevista 1:



Foto 26: Kai Silva Fernandes (2018)

“- Nome completo e idade:

R: Kai Silva Fernandes

- Há quanto tempo faz teatro?

R: Há 2 semestres

- Por que escolheu esta área de trabalho?

R: Eu escolhi por ser uma área vasta e mais acessível.

- Por que fazer um curso superior de Teatro?

R: Sempre quis entrar em uma Universidade pois é uma maneira de sobreviver (sic) foi o curso ao qual consegui ingressar.

- Qual/Quais artistas LGBTQ+ ligadxs a cena teatral você conhecia antes de cursar Teatro?

R: Ave Terrena

- Qual/Quais artistas LGBTQ+ ligadxs a cena teatral você estudou durante o curso de Teatro?

R: Nenhum até agora

- Como você analisa a presença do/a artista trans na Cena Teatral contemporânea?

R: Vejo que ainda são poucos os Artistas Trans que estão ganhando espaço e ainda pouco se fala sobre eles (as) ainda é muito recente e pouco trabalhado

não se tem muitos papéis e quando tem as vezes não retrata o fato deles serem Trans.

- Qual a sua recepção no curso superior em Teatro?

R: Foi tranquila me senti bem acolhido e respeitado.”

⁵ Maneira de manter a neutralidade de gênero

Entrevista 2:



Foto 27: Maria Luiza dos Santos Brito (2018)

“- Nome completo e idade:

R: Maria Luiza dos Santos Brito, 20 anos.

- Há quanto tempo faz teatro? Por que escolheu esta área de trabalho?

R: Profissionalmente (sic) 4 anos. Eu sempre estive envolvida nesse meio, desde criança participei de peças, especiais de dança e sempre me vi e principalmente sempre amei estar atuando.

- Por que fazer um curso superior de Teatro?

R: Porque é uma formação que me sinto na necessidade de aprender e poder repassar isso. Fora que é minha área!!

- Qual/Quais artistas LGBTQ+ ligados a cena teatral você conhecia antes de cursar Teatro?

R: Aqui no estado eu só pude ter a oportunidade de conhecer quando entrei na UNIFAP, nosso curso tem vários artistas LGBTQ+, e principalmente super talentosos.

- Qual/Quais artistas LGBTQ+ ligados a Cena Teatral você estudou durante o curso de Teatro?

R: Até o momento nenhum.

- Como você analisa a presença do/a Artista Trans na Cena Teatral contemporânea?

R: Rompimento de barreiras, (sic)é fundamental a presença dessas pessoas, pois são tão artistas como uma pessoa cis, infelizmente as oportunidades são diferentes e mais baixas, porém, é algo que vem crescendo e eu como mulher trans apoio, indico, nós temos que estar envolvidas socialmente em todas as áreas, desde artísticas a demais profissões.

- Qual a sua recepção no curso superior em Teatro?

R: Ótima, nunca tive problema, é um curso que com toda certeza deveria ser bem mais valorizado.”

Sobre as Entrevistas:

De forma geral podemos perceber com estas entrevistas a ausência do acesso no Ensino Superior à pesquisas que abordem da Cena Trans. É de grande importância ter acesso a essa historiografia e entender um pouco desse trajeto, falar dessas pessoas que contribuíram, desde às décadas passadas até atualmente tendo como referência e inspiração para seguir pois vivemos em uma pluralidade e não podemos fugir da questão de identidade e importância dentro desse lugares. Percebe-se que dentro do curso a um grande público LGBT+ no geral e Artistas que já estão em formação. De toda forma é importante que a questão da Cena Teatral Trans seja conteúdo das disciplinas sobre História do Teatro e Dramaturgia.

Mas também devemos entender que está surgindo uma nova geração de Artistas Trans - trajetórias estão sendo encaminhadas para esses palcos. Kai e Maria Luiza são duas de muitas outras vozes que agora estão sendo ouvidas e que podem dar continuidade a uma importante caminhada. Estar dentro da Universidade já é um privilégio para muitas pessoas, e para as pessoas Trans é algo bem significativo e que devemos incentivar a ocuparem esses espaços e ocupando salas, escritórios, galerias, cadeiras no Senado, televisões.

Pelas entrevistas percebemos que a veiculação de Artistas Trans na Cena Teatral ainda é pequena e questionamos se os Artistas Trans do Teatro não são considerados como Artistas ou a produção teatral Trans não possui o reconhecimento como um dos estilos do Fazer Teatral.

Estamos no século XXI onde a Cena Trans está tendo um pouco mais

de visibilidade nos apresentando um discurso inovador sobre corporeidade trazendo a legitimidade dos corpos Trans contribuindo não só dentro dos palcos, mas a partir do palco promover uma reflexão social uma vez que “essas Artistas assumem papéis políticos dentro e fora de cena, com uma pauta simultaneamente estética e política que as diferencia das gerações anteriores.” (SILVA, et al.,2018.p 170)

Esses novos Artistas assumem um papel importante levantando a bandeira Trans e tocando na questão da visibilidade, tornando em um ato político, ampliando a luta dos Artistas das décadas passadas. A importância desses Artistas presentes no cenário atual é que nos faz despertar o debate sobre gênero e identidade em vários lugares e principalmente junto a comunidade LGBTQ+ frente a realidade de que o Brasil é o país que mais mata Trans no mundo segundo os dados da ONG Transgender Europe (TGEU) site: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transsexuais>. A não valorização dos Artistas Trans nos colocam a reflexão da falta de oportunidades como o que aconteceu na carreira da Artista Thelma Lipp em que: imagine então uma Trans como Thelma, quantas feras não tem de vencer diariamente. A troca da fama e do glamour pela necessidade da prostituição foi um enorme baque. (MENESES, et al.,2018.p 1968).

A história de Telma Lipp, artista aqui já citada, é a de muitas Trans que vivem nas BRs e esquinas do Brasil afora por falta de oportunidade ou manutenção na vida artística. Quando levantamos questões como acesso a pesquisas como esta aqui proposta também nos deparamos com estatísticas de que é a falta de oportunidade e reconhecimento profissional destas Artistas que levam estas Artistas a escolherem outras formas de sobrevivência. É quando também nos deparamos com registros em sua maioria disponibilizados de forma on line, através de artigos e que precisam ser garimpados. E que acabamos voltando para 1950, com Ivana, que por ser muito feminina, teve sua visibilidade mas com sua sexualidade sendo uma incógnita para muitos e por muito tempo. O meio social e empresarial trabalha muito com a questão de uma estética padrão e heteronormativa, por isso a importância de Kai e Maria Luiza estarem no curso Licenciatura em Teatro, onde esta representatividade

se dará não só nas Artes da Cena mas na Educação, uma vez que terão dois espaços/campos de atuação profissional.

Nesta perspectiva entre imagem e ocupação de espaços Meneses et al., (2018. p. 171) nos diz que:

Não é necessário “parecer” mulher cis para reconhecer-se ou fazer-se reconhecer como travesti ou mulher trans. Fazer avançar esta discussão a partir do palco, operando um processo de mediação sociocultural, é algo que se apresenta a esta geração como oportunidade.

Kai e Maria Luiza podem ser vistos não só como estudantes de Teatro mas como uma militância no espaço acadêmico, como representatividade das pessoas Trans na Cena Teatral e também como oportunidade da academia aprender um pouco mais com elxs, e entender um pouco de suas trajetórias e a importância de realizar e compartilhar pesquisas sobre o Artista Trans junto a historiografia do Teatro Brasileiro.

6. CONSIDERAÇÕES EM TRÂNSITO

O experimento “Relatos”, aqui citado gerou inquietações que instigaram esta pesquisa foi concebido a partir de algumas leituras e relatos que estavam acontecendo na cidade de Macapá e em todo Brasil, com o olhar voltado para o discurso de ódio às maiorias minorizadas. Durante a construção junto à atriz surgiram formas de como poderíamos abordar essas discussões em um processo cênico e no meio de tantos relatos e pesquisas, a atriz Maria Luiza, se abre e fala um pouco de sua vivência como mulher Trans e permiti que possamos trabalhar a partir deste relato também.

Como todo trabalho, tivemos algumas dificuldades, mas é possível entender que produzir um trabalho cênico é construir e se desconstruir a cada encontro, é ir de um extremo ao outro, é realmente se conhecer e conhecer o outro.

Este processo cênico citado encontrou referências no trabalho do artista Silvero Pereira em especial a produção de “BR- Trans” que é um livro/espetáculo utilizado como a primeira referência de pesquisa mostrando a importância também de embasar a reflexão do trabalho a partir de pesquisadores Trans.

Silvero Pereira, também enquanto artista, foi referência para todo o processo e pesquisa de obra e artistas LGBTQ+. Sua obra/atuação serviu de norte de construção cênica e até mesmo fazer a relação do trabalho que estava sendo construído. Quando ele traz a questão da convivência do Artista Trans no meio social e artístico reflito sobre a convivência com a Maria Luiza e o quanto afetou e instigou a procurar artistas LGBTQ+ que trabalhassem na linguagem do Teatro. Um questionamento se torna latente: será que não temos muitos artistas Trans no Teatro ou não se tem visibilidade para essas pessoas?

Trabalhar com uma Artista Trans é delicado, pois sabemos que a trajetória de uma pessoa Trans começa desde a infância. Trabalhar com Maria Luiza foi por etapas, sempre respeitando seu espaço e limite em um longo processo para poder ter a sua entrega para o trabalho. A temática afetava bastante a atriz e não tinha como ignorar isso, pois era sua vivência que estava sendo dita. Juntos vivemos muitos momentos dentro de uma sala de ensaio nos fortalecendo para continuarmos essa empreitada.

Maria Luiza, como todo(a) Artista Trans do Teatro carrega sua trajetória no

seu corpo, e como isso foi perceptível nas salas de ensaio pois cada movimento tinha um significado e uma vivência forte por trás dele. Por vários momentos me senti muito afetado pela trajetória de olhares, falas, e questionamentos no laboratório do processo. O que nos leva a pensar em algumas considerações como que lugar ocupa o Artista Trans na construção dramatúrgica de um espetáculo que aborda a temática de identidade de gênero e como ignorar este corpo que possui uma trajetória única e que sua presença no palco já gera um olhar de questionamento ou empatia da plateia.

Como afirma Pereira (2017, p.07):

O prefixo trans, que permite a metáfora, se refere à condição de quem partiu, mas ainda não chegou; de quem deslocou e deliberadamente de um lugar em direção a outro, mas ainda está no caminho, no trânsito; de quem deixou uma casa, um êthos ou identidade para trás, mas ainda está sem abrigo, e em construção de uma nova casa ou identidade ou de um novo êthos .

Pereira aborda a questão trans, enquanto “trânsito”, seja de traços modos ou comportamento, mas que sempre será um “trânsito”. Trabalhar com uma Atriz Trans, trouxe várias reflexões acerca do fazer artístico e social. A visibilidade Trans, após apresentação do experimento cênico aqui relatado junto a UNIFAP, causou um impacto grande no curso de Teatro desta instituição, oportunizando em mim um caminho de pesquisa mesmo quando se encontra dificuldades em referências catalogadas de Artistas Trans e obras destes/destas ou na organização acadêmica e bibliográfica organizada sobre a temática. Portanto esta pesquisa encontra-se no início, pois há muito a se selecionar, catalogar, desenrolar e publicizar.

Partindo de um espetáculo que abrange a questão Trans em Cena surgiram várias reflexões, que foram se debruçando em cima de uma pesquisa, surgiram grandes descobertas no conhecimento científico e pessoal, onde se foi traçado trajetos (trans)formações até chegarmos em considerações que ainda estão em trânsito, em movimento em que na qual.

É importante lembrarmos que todos temos uma história e a importância de conhecermos nossas raízes e como isto reflete no nosso fazer, viver e ser nos mostrando quão importante a identidade e respeito pelo próximo e que a valorização da diversidade pode mudar situações e vidas seja na Arte, na Escola e na Rua.

Fica a reflexão também em pensar a importância dos Artistas Trans como

mediadores no meio sociocultural e o quanto sua presença é significativa não só para quem está iniciando uma transição mas para quem busca uma carreira no meio artístico, deixando de ser algo não só de “glamour e maquiagens” mas também de conquistas, direitos, representatividade e transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS E ARTIGOS

MENESES, Emerson Silva. JAYO, Martin. **Presença Travesti e Mediação sociocultural nos Palcos Brasileiros: Uma periodização Histórica**. São Paulo: Extraprensa, Pág. 01-17, 2018.

MORENO, Newton. **A máscara alegre: contribuições da cena gay para o Teatro Brasileiro**. São Paulo: Cultura, pág.01-08, 2002.

PREIRA, Silvero. **BR-Trans**. 2.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

RESPEITE OS MEUS DIREITOS, RESPEITE A MINHA DIGNIDADE MÓDULO TRÊS – OS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS SÃO DIREITOS HUMANOS. Londres: Anistia Internacional, 2014.

TREVISAN, João Silverio. **Devassos no Paraíso - a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade**. São Paulo: Saraiva, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – Uma Política Pós Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**. São Paulo. 2001. Pg 541-553.

PELÚCIO, Larissa. **Subalterno quem, cara pálida?** Apontamentos às margens sobre o pós- colonialismo, feminismo e estudos queer. São Paulo: Comtemporânea, Pág. 01-24, 2012.

ZOMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**. Campinas: Cultura, 2002.

SITES PESQUISADOS

BAHIA. **Tammy Miranda**. 2017. Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/holofote/noticia/50552-thammy-miranda-manda-recado-as-mulheres-voces-podem-ser-ate-homem-se-quiserem.html>>. Acesso em: 26 set. 2018.

BEAULIEU, Brigitte. Homenagem a Eric Barreto. 2012. Disponível em: <<http://wwwbrigittebeaulieu.blogspot.com/2010/11/homenagem-eric-barreto.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

BRAGA, Cleber; GUIMARÃES, Rafael. **Vidobras dissidentes na música pop brasileira**. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/vidobras-dissidentes-na-musica-pop-brasileira/>>. Acesso em: 10 out. 2

BRASÍLIA, Jornal de. **Nany People viverá transsexual na próxima novela das 21h**. 2018. Disponível em: <<http://www.jornaldebrasil.com.br/clica-brasil/nany-people-vivera-transsexual-na-proxima-novela-das-21h/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

CORREIO. **Roberta Close**. 2016. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/roberta-close-cobra-r-200-mil-para-dar-entrevista-a-gugu-diz-colunista/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

CRISTINA, Simone. **Famosos que partiram**. 2012. Disponível em: <<http://www.famososquepartiram.com/2012/09/laura-de-vison.html>>. Acesso em: 29 set. 2018.

GALILEU, Revista. **Laerte Coutinho**. 2014. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2013/12/laerte-coutinho.html>>. Acesso em: 10 out. 2014.

GTV. **Grupo de teatro vivencial**. 2017. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/grupos/grupo-de-teatro-vivencial/index.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

G1. **Multiartista Claudia Wonder morre aos 55 anos, em São Paulo**. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/11/multiartista-claudia-wonder-morre-aos-55-anos-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

G1. **Liniker é destaque do Circuito Cultural Paulista na região de Ribeirão Preto**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/06/liniker-e-destaque-do-circuito-cultural-paulista-na-regiao-de-ribeirao-preto.html>>. Acesso em: 26 set. 2018.

HOLANDA, Portal. **Justiça concede pagamento de seguro a família de Jorge Lafond**. 2014. Disponível em: <<https://ftp.portaldoholanda.com.br/indenizacao/justica-concede-pagamento-de-seguro-familia-de-jorge-lafond>>. Acesso em: 10 out. 2018

LEITE, Hellen. **Transexual, travesti, drag queen... qual é a diferença?** 2018. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/transexual-travesti-drag-queen-qual-e-a-diferenca>>. Acesso em: 26 set. 2018.

METRÓPOLE. **Pablo Vittar**. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/celebridades/chamada-de-bicha-por-silvio-%20santos-pablo-vittar-reage>>. Acesso em: 26 set. 2018.

NUCLON, Neto. **Raridade! Conseguimos as fotos da travesti Thelma Lipp na Playboy de 1984**. 2017. Disponível em: <<https://nlucon.com/2017/08/29/raridade-conseguimos-as-fotos-da-travesti-thelma-lipp-na-playboy-de-1984>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

NÓBREGA, Jacqueline. **Conheça a história de Valentina Sampaio, modelo transgênero do CE que desponta no cenário nacional.** 2015. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/zoeira/online/conheca-a-historia-de-valentina-sampaio-modelo-transgenero-do-ce-que-desponta-no-cenario-nacional-1.1374612>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

NEXO, 2017. **O que é 'lugar de fala' e como ele é aplicado no debate público.** 2017. Disponível em: <<http://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/15/>>. Acesso em: 07 Agost. 2019.

PMB. **Ney Matogrosso.** 2017. Disponível em: <<http://www.premiodamusica.com.br/as-7-musicas-mais-iconeas-do-secos-e-molhados-com-ney-matogrosso/>>. Acesso em: 26 set. 2018.

REA. **Esclarecimentos para questões frequentes respeitantes às temáticas lgbt.** 2018. Disponível em: <<https://www.rea.pt/transgenerismo/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

RODRIGUES, Leonardo. **Quem é Renata Carvalho, a atriz transexual que ousou encarnar Jesus Cristo.** Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/04/05/quem-e-renata-carvalho-a-atriz-trans-que-ousou-encarnar-jesus-cristo.htm>>. Acesso em: 26 set. 2018.

SOBRAL, Anamélia. **Transgêneros.** 2017. Disponível em: <<https://br.mundopsicologos.com/consultorios/transgenero>>. Acesso em: 25 set. 2018.

SOLLERO. **Valentina Sampaio.** 2018. Disponível em: <<http://www.cirosollero.com/portfolio/items/valentina-sampaio/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

WIKIPÉDIA. **Secos & Molhados.** 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Secos_%26_Molhados>. Acesso em: 20 set. 2018.

UOL, Omelete. **Divina Divas.** 2017. Disponível em: <<https://omelete.com.br/filmes/divinas-divas/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

WIKIÉDIA. **Ney Matogrosso.** 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ney_Matogrosso>. Acesso em: 25 set. 2018.

WIKIPÉDIA. **Rogéria.** 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rog%C3%A9ria>>. Acesso em: 25 set. 2018.

WIKIPÉDIA. **Não binaridade.** 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnero_n%C3%A3o-bin%C3%A1rio>. Acesso em: 10 out. 2018.

WIKIPEDIA. **Jorge Lafond.** 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Lafond>. Acesso em: 26 set. 2018.

- WIKIPÉDIA. **Linn da Quebrada**. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Linn_da_Quebrada>. Acesso em: 27 set. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Dzi Croquettes**. 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dzi_Croquettes>. Acesso em: 23 set. 2018
- WIKIPÉDIA. **Silvero Pereira**. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Silvero_Pereira>. Acesso em: 25 set. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Madame Satã**. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Madame_Sat%C3%A3>. Acesso em: 24 set. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Isabelita dos Patins**. 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Isabelita_dos_Patins>. Acesso em: 09 out. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Thammy Miranda**. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Thammy_Miranda>. Acesso em: 10 out. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Liniker**. 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Liniker_\(artista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liniker_(artista))>. Acesso em: 10 out. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Laura de Vison**. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Laura_de_Vison>. Acesso em: 07 out. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Pablo Vittar**. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pablo_Vittar>. Acesso em: 10 out. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Nany People**. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nany_People>. Acesso em: 10 out. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Roberta Close**. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberta_Close>. Acesso em: 10 out. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Eric Barreto**. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eric_Barreto>. Acesso em: 29 out. 2018.
- WIKIPÉDIA. **Laerte Coutinho**. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Laerte_Coutinho>. Acesso em: 10 out. 2018.